

O LÚDICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: um relato de experiência a partir da produção de climogramas

Adson de Lima Aragão Júnior¹
Josineide Alves de Oliveira²
Danila Maria da Silva³
Luiz Arthur Pereira Saraiva⁴

INTRODUÇÃO

Visto que o cenário atual de debates sobre como desenvolver e introduzir novas didáticas de aprendizado vem ganhando, ao longo do tempo, notoriedade, é de suma importância fomentar trabalhos, artigos e experiências com as novas ferramentas educacionais nos diversos âmbitos do meio estudantil, formando, assim, uma base de discussões e visões críticas sobre esses novos modelos didático-pedagógicos. Diante disso, essa pesquisa vem para somar junto a diversos trabalhos científicos sobre formas lúdicas de dar aula sobre determinado conteúdo.

Os objetivos desse artigo são abordar a parceria aluno/professor por meio de atividades lúdicas que contribuam para o ensino do aluno, proporcionando aulas mais dinâmicas que possibilitem outros caminhos de aprendizagem fora do livro didático; apresentar o climograma como uma alternativa educacional para se trabalhar com o assunto de clima e tempo; desenvolver com a turma uma atividade lúdica através do climograma vivo; e, por fim, apresentar os resultados obtidos com a aplicação dessa aula.

Durante o estágio supervisionado, percebemos a grande dificuldade de trabalhar algumas ferramentas e procedimentos de ensino-aprendizagem, sejam elas ferramentas lúdicas ou, até mesmo, tecnológicas. Principalmente em escolas onde a prática pedagógica adotada está relacionada ao modelo de escola tradicional, onde a principal preocupação do professor e do gestor é o controle dos programas de ensino e ordem do Estado. cremos que essas atividades lúdicas podem ser uma ferramenta de aproximação entre o professor e o aluno e, partindo dessa visão, o desenvolvimento de atividades com os mais variados recursos é de suma importância para o professor.

Nesse sentido, a atividade proposta foi relacionada ao conteúdo de clima e tempo presente no livro didático do 6º A, da escola Osmar de Aquino vinculada à Residência Pedagógica em Geografia/UEPB/Campus III. A duração dessa atividade foi de seis aulas, sendo as duas primeiras para explanação do conteúdo clima e tempo apresentando suas diferenças e principais conceitos; logo após, tivemos a produção de climogramas, finalizando com o desenvolvimento da atividade lúdica apelidada de climograma vivo, montado pelos residentes.

¹ Graduando em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba (DG/CH/UEPB), bolsista do Programa Residência Pedagógica – Subprojeto Geografia – Campus III (UEPB/CAPE), adsonaragaojr@hotmail.com;

² Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba (DG/CH/UEPB), bolsista do Programa Residência Pedagógica – Subprojeto Geografia – Campus III (UEPB/CAPE), josyalves0809@gmail.com;

³ Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba (DG/CH/UEPB), bolsista do Programa Residência Pedagógica – Subprojeto Geografia – Campus III (UEPB/CAPE), danilamaria40@hotmail.com;

⁴ Professor orientador do Programa Residência Pedagógica – Subprojeto Geografia Campus III, Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco,, saraivaluizarthur@yahoo.com.br.

METODOLOGIA

Como metodologia, foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca dos desafios presentes na caminhada docente e sobre a ludicidade como metodologia de ensino-aprendizagem, desenvolvendo uma análise crítica, visando os objetivos desse trabalho. Posteriormente, foi apresentado o relato de experiência dentro de sala de aula referente à temática clima e tempo, utilizando-se de práticas lúdicas apelidadas de climograma vivo e, logo após os resultados obtidos através da percepção do professor em sala de aula, de modo que estas possam vir a ser utilizadas nas aulas de Geografia de maneira mais dinâmica e interessante para os alunos. Os materiais utilizados no desenvolvimento dessa pesquisa foram, em sua maioria, recicláveis e de fácil acesso para possíveis produções por parte dos leitores desse resumo expandido, sendo eles canos, fitas, lonas e papéis.

ESTADO E PRÁTICAS EDUCACIONAIS

As práticas educacionais desse início de século XXI destacam a importância de um ensino mais dinâmico dando prioridade à produção de um debate que relacione o conhecimento obtido com a vivência de cada aluno que, normalmente, se vê “atado a quatro paredes”. Práticas essas que nasceram através de lutas, dificuldades e problemas que a sociedade atual enfrenta com a ordem vigente. Vemos que essas práticas e pensamentos nada mais são que um produto do contexto atual, projetos que disputam seus espaços muitas vezes de forma injusta, visto que sempre o opressor tem ao seu alcance dispositivos propícios para aplicação do que lhe é favorável em detrimento do oprimido. Para Soares (2015, p. 23), “numa sociedade de classes do tipo capitalista, as políticas públicas são efetivadas conforme os interesses privados assumidos pela classe dominante em questão”.

Nesse contexto de jogos de interesses por trás da educação, vemos o Estado como plataforma para ancoragem de ideologias e interesses de acordo com a classe dominante. Ideias essas que através de manobras de quem está no poder através da subversão de valores, consegue de forma sucinta colocar em ação práticas desumanas, através da tutela do Estado. Segundo Ponce,

uma vez constituída as classes sociais, passa a ser um dogma pedagógico a sua conservação, e quanto mais a educação conserva o status quo, mais ela é julgada adequada. Já nem tudo o que a educação inculca nos educandos tem por finalidade o bem comum, a não ser na medida em que ‘esse bem comum’ pode ser uma premissa necessária para manter e reforçar as classes dominantes. Para estas, a riqueza e o saber; para os outros, o trabalho e a ignorância (PONCE, 1998, p. 28-29).

Logo, o tipo de prática educacional do modelo vigente proporciona a manutenção e a perpetuação da mesma ao longo dos anos, aparelhando todas as vias do Estado, a classe dominante terá a tutela de reproduzir seus interesses privados, a aparente harmonia entre as esferas do estado darão essa falsa sensação de que as coisas estão sendo feitas com ética e de forma humanizada.

Nesse sentido, vemos uma educação com um recurso de dominação de classes, estando presentes desde o jardim de infância até as instituições superiores de ensino, desenvolvendo uma acomodação e um pensamento acrítico da sociedade. Pensando nisso, o processo de dominação está feito, pois como o indivíduo irá refletir e tomar decisões capazes de contribuir para ruptura desse sistema se toda a sua educação está pautada na aceitação de ideias que lhe prejudiquem, mas, que pelo modelo educacional vigente lhes pareça natural e aceitável? Para Soares (2015, p. 26), “cabe à educação institucional, sob a legitimidade das

políticas educacionais burguesas, afirmar o máximo possível as verdades difundidas pela ideologia dominante”.

A FINALIDADE E A APLICAÇÃO DAS ATIVIDADES LÚDICAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Diante dessa situação, como o professor irá se comportar em sala de aula? Como apresentara meios de emancipação ao alunado? Como desfazer ou reverter essas verdades falaciosas apresentadas durante o decorrer da caminhada estudantil? Essa transformação não é fácil e nem vem como “receita de bolo” para o professor que almeja uma mudança. São anos de análises e estudos para construção de caminhos e pontes de saberes que corroborem em uma diversidade de ideias e pensamentos. Um caminho a ser trilhado pelo professor é o uso de métodos lúdicos em que, para Vygotsky (1989, p. 84), “as crianças formam estruturas mentais pelo uso de instrumentos e sinais. A brincadeira, a criação de situações imaginárias surge da tensão do indivíduo e a sociedade. O lúdico liberta a criança das amarras da realidade”.

A Geografia é dentre as matérias presentes no meio escolar a que mais se destaca nas possibilidades de transformação de um determinado conteúdo em uma atividade lúdica. Visto isso, é de suma importância o professor desenvolver habilidades dentro e fora de sala de aula que permitam a produção dessa metodologia. De acordo com Mendonça (2001, p. 16), “a geografia tem um caráter particularmente heterogêneo; se por um lado ela se alinha entre as ciências da natureza, por outro, situa-se entre as ciências do homem”. Partindo disso, temos a possibilidade de desenvolver atividades interdisciplinares que perpassem todos os âmbitos da Geografia, seja ela física ou humanista.

Portanto, vemos que a ludicidade exerce um papel de importância no saber geográfico, pois ajuda no processo de entendimento de alguns conceitos geográficos (lugar, espaço, natureza e sociedade) que sejam de difícil compreensão para alunos com dificuldades de aprendizagem. Visto isso, vemos que a ludicidade constrói caminhos práticos e de fácil entendimento, favorecendo um aprendizado capaz de atingir a maioria da turma ou a turma por completo. Segundo Castellar; Vilhena (2014, p. 45),

Os jogos e brincadeiras são situações de aprendizagem que propiciam a interação entre alunos e entre alunos e professores, estimulam a cooperação, contribuem também para o processo contínuo de descentração, auxiliando na superação do egocentrismo infantil, ao mesmo tempo em que ajudam na formação de conceitos. Isso significa que eles atuam no campo cognitivo, afetivo, psicomotor e atitudinal. Eles permitem integrar as representações sociais adquiridas pela observação da realidade e dos percursos percorridos nos jogos. Podemos afirmar que os jogos ajudam a pensar e a pensar sobre o espaço que se vive.

Em meio a temas como equidade, inter e multidisciplinaridade, se faz necessário a utilização de práticas que corroboram para evolução de um conhecimento emancipatório, conhecimento esse que vela pela conscientização do indivíduo como peça importante na sociedade, e que, através dessa conscientização entenda a necessidade da educação. Freire (1987, p. 23) afirma que “Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão”. Dessa maneira, não existiria a identificação do oprimido se não houvesse uma análise crítica da sociedade e suas problemáticas enraizadas. Entendendo isso, vamos compreender o motivo da Geografia enquanto disciplina de apresentar formas de análise do espaço e da sociedade, através de práticas lúdicas que agucem o instinto pesquisador e crítico, não só do macroescala, mas das

relações na sua comunidade, no seu bairro e na sua realidade, dando importância para sua existência enquanto indivíduo.

O USO DA LUDICIDADE NA PRÁTICA

O interesse no desenvolvimento dessas aulas partiu de conversas com a preceptora da escola junto a uma análise do livro didático e seus possíveis temas a serem trabalhados de formas lúdicas. Vendo isso, escolhemos o tema clima e tempo atmosférico a ser trabalhado com a ludicidade, passando por um período de desenvolvimento das aulas tanto no que concerne o conteúdo teórico como o prático, ao todo levando um mês de planejamento, desenvolvimento e execução do projeto. Para facilitar o entendimento, dividimos esse período em quatro partes para explanação do que se foi feito:

1º parte: Escolhemos o conteúdo a ser trabalhado na sala de aula e suas possíveis metodologias a serem trabalhadas. Para isso, passamos algumas semanas antes trabalhando na produção dessa atividade e na construção do climograma lúdico, para ser aplicado na última aula. Para a construção basicamente foi utilizado materiais recicláveis, consistindo em canos de meia polegada, fitas coloridas, papel e lona, levando uma semana para construção e finalização desse material junto a algumas informações e conceitos necessários para a realização aula;

2º parte: Essa segunda parte refere-se à aplicação do conteúdo em sala, inicialmente apresentando aos alunos conceitos de clima e tempo atmosférico, posteriormente apresentando características que difere um do outro, apresentando fatores determinantes dessas duas áreas, massa de ar para o tempo atmosférico e latitude, altitude, maritimidade continentalidade, vegetação e correntes marítimas para o clima. Logo após, desenvolvemos uma análise crítica referente à interferência do homem nesses dois conceitos e, por fim, apresentamos a funcionalidade da previsão do tempo e a utilização de climogramas.

3º parte: após a explicação de como funciona um climograma, pedimos aos alunos que desenvolvessem um a parti de dados referentes ao contexto de onde estão inseridos, no caso, Guarabira-Pb. Para facilitar o andamento da aula, baixamos os dados através do site “CLIMATE-DATA.ORG”: lá se encontram os dados climatológicos referentes à cidade de Guarabira, de forma tabelada para a melhor compreensão do aluno, visto a quantidade de números referentes aos 12 meses, essa forma facilitou o manejo e o caminhar da aula. Os materiais utilizados nessa produção foram papel com a estrutura de tabela contendo duas linhas em 90º, referentes aos graus e a precipitação das águas e lápis azul e vermelho. Por fim, para fixação do conteúdo, pedimos para que colassem os conceitos referentes a clima e tempo separadamente na parede.

4º parte: Por fim, aplicamos junto ao alunado o climograma lúdico, apelidado de climograma vivo pela capacidade de interação com dados de vários lugares do planeta, sem a necessidade de um papel aparte, possibilitando uma viagem pelo mundo sem sair da sala de aula. Inicialmente explicamos como consistia a brincadeira e o que deveria ser feito, dividimos a sala duplas para que pudessem, em conjunto, construir o seu climograma. Cada dupla ficou com uma cidade em específico; logo após, pedimos que interpretassem esses dados desenvolvidos através de algumas perguntas a serem respondidas no quadro branco. Exemplo: Em que meses ocorreram a maior e a menor temperatura, Quais são os meses mais chuvosos, em qual hemisfério está localizada determinada cidade e a sua amplitude térmica anual.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para apresentação dos resultados, levamos em consideração uma análise por meio da percepção dos residentes e pelo resultado das aplicações do climograma em sala de aula. No decorrer das aulas, vimos uma interação por parte dos alunos, tirando suas dúvidas e questionamentos acerca do conteúdo proposto. Porém, no desenvolvimento das aulas, percebemos a importância da correlação entre a teoria e prática para o entendimento do assunto, pois, através da explicação e posteriormente da execução da prática por meio dos climogramas, foi que conquistamos uma real absorção do conteúdo por parte da turma, o resultado dessa união foi o enriquecimento da aula, onde tivemos cem por cento de êxito na realização da atividade e na interpretação dos dados obtidos, o que acelerou o processo cognitivo dos alunos. Os objetivos foram alcançados além do que esperávamos, o climograma lúdico potencializou a atenção e o interesse dos alunos pelo conteúdo bem como em todo o desenvolvimento da atividade. Tivemos a comprovação de que a turma entendeu as diferentes escalas do assunto, tanto quando falamos das relevâncias globais quando as locais, ensinando a como interpretar e identificar as consequências desses dados *in loco*. Nesse sentido, Vesentini reforça que

a Geografia, enquanto ciência e disciplina escolar que trata da distribuição dos fenômenos físicos/naturais e humanos e a integração entre eles em escala local, regional ou global, deve ter várias formas de mediação para atingir seu objetivo que é o de levar o educando a compreender o mundo em que vive, da escala local até a planetária, dos problemas ambientais até os econômico-culturais (VESENTINI, 2003, p. 22).

Portanto, entendemos que a integração ou a junção da visão local com o global potencializa o entendimento e a imersão no conteúdo proposto, levando os alunos a um caminho onde a arte do ensinar e o do aprender não se tornem imcompreensíveis e maçantes, consequentemente produzindo neles o interesse em entender os paradigmas e contradições da sociedade em que estão inseridos, sociedade essa em que, futuramente, serão cidadãos ativos com a possibilidade de utilizar os aprendizados de suas aulas em geografia na prática cotidiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto escolar, o docente tem a necessidade de rever algumas práticas e metodologias a serem implantadas a cerca do conteúdo, novos caminhos, novas possibilidades, sempre variando suas técnicas. Alguns cuidados devem ser tomados ao serem introduzidas novas práticas e possibilidades acerca da apresentação e desenvolvimento de determinado conteúdo e a ludicidade desenvolvida nessas aulas foi prova viva de que o ato de ensinar e aprender em sua caminhada apresenta altos e baixos, percalços e acertos, exigindo do professor bom senso e paciência para o entendimento de que haverá dias ruins e que nem tudo que foi planejado saiu como anteriormente pensado. Para isso, desenvolver relatos e experiências dessas atividades são de suma importância para que novos profissionais e professores dispostos a utilizar essas metodologias tenham um caminho norteado do que se pode/deve fazer ou não, sem levar como regra, mas como um auxílio na hora de colocar em prática em outras escolas, realidades e contextos.

Todo esse trabalho desenvolvido pelo docente deve culminar em um contexto de valorização das praticas cidadã e uma análise crítica da sociedade, no contexto desse resumo vemos a prática da ludicidade e da geografia como aliadas no desenvolvimento crítico do aluno acerca dos assuntos trabalhados. O professor é um dos agentes principais nessa grande

responsabilidade que é a formação cidadã, sendo ele o mediador que obtém contato direto com o aluno, no qual percebem suas dificuldades em assimilar certos conteúdos, o professor, principalmente o de geografia, vai ser responsável por instigar seus alunos a pensar, questionar e intervir e, como já foi dito, conseguir desenvolver junto aos alunos uma cidadania ativa, plena e consciente.

AGRADECIMENTOS

Por fim, deixamos esse espaço para agradecer pelos dois anos de políticas de incentivo a práticas de iniciação a docência por meio da Residência Pedagógica: foram dois anos de aprendizados, lutas e conquistas junto à universidade e preceptoras, colegas residentes e turmas das escolas trabalhadas. Todas essas experiências vivenciadas estarão não só datadas em papéis ou livros, mas na vivência e nas lembranças de todos que coabitaram na Residência Pedagógica em Geografia/UEPB/Campus III. Aqui poderemos dizer que encontramos pessoas dispostas a construir pontes e novos caminhos necessários à construção de uma educação emancipatória e libertadora.

Palavras-chave: lúdico, climograma, ensino-aprendizagem em geografia.

REFERÊNCIAS

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

“CLIMATE-DATA.ORG”. Disponível em: <<https://pt.climate-data.org/america-dosul/brasil/paraiba/guarabira-42710/>>. Acesso em: 23 set. 2019.

MENDONÇA, Francisco: **Geografia física: ciência humana**. São Paulo: Contexto, 2001.

PONCE, Anibal. **Educação e luta de classes**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

SOARES, Aline; CAVALCANTE, Renalvo; JOSÉ, Vicente Barreto. Ideologia e política: uma análise das leis impostas pelo estafo burguês e da legislação educacional brasileira. In: ABATH, Fernando Cananéa (Org.). **Contextos: saberes e práticas educacionais**. João Pessoa: Editora Imprell, 2015.

VESENTINI, José William. Educação e ensino de geografia: instrumento de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.